

Uma outra via para Cyro dos Anjos

Ana Paula Franco Nobile
Doutoranda em Letras pela UNESP/Assis

Resumo Desde a publicação de *O amanuense Belmiro*, em 1937, a crítica literária apresentou Cyro dos Anjos como um escritor intimista. Por conta dessa classificação, o escritor mineiro ficou por décadas relegado a essa visão unilateral. A fim de mostrar que o autor não era, absolutamente, alienado aos problemas do seu tempo, este artigo tem como objetivo discutir o seu substrato histórico, a partir da figura do fracassado, “herói” por excelência do romance dos anos 30, segundo observara Mário de Andrade no ensaio “Elegia de Abril”.

Desde a publicação de *O amanuense Belmiro*, em 1937, a crítica literária apresentou Cyro dos Anjos como um escritor intimista¹. Esta classificação está relacionada a vários fatores. Dentre eles está a comparação do livro de estréia de Cyro dos Anjos com as outras obras publicadas na década de 30. Da forma ao conteúdo, *O amanuense* apresentava algo de novo naquele período. Nele, o interior substituíra o exterior, a descrição cedia lugar à análise psicológica, as indagações metafísicas substituíam os problemas sociais. O romance também se destacou por demonstrar um domínio perfeito da língua, um estilo limpo e harmonioso, ao contrário da “expressão desabusada, aliterária, por vezes descontrolada e grosseira, cacofônica e sem ritmo interior” da maioria dos romances de 30 (Silveira, 1938).

Além disso, a crítica literária em 1937 entendeu-o como aquele que teria seu lugar na “outra via” da produção literária do momento, ou como quer Luciana Stegagno-Picchio (1997), na “segunda via” da narrativa modernista. Apresentando um modelo aparentemente antitético ao mais característico do período, parece óbvio que fosse catapultado para o outro lado da polarização ideológica que caracterizou o movimento literário da década de 30, e daí ser denominado intimista, sinônimo, para alguns críticos, de inócuo, ou então, de não-participativo². Há, portanto, dois caminhos, aceitar um deles é, automaticamente, se afastar do outro.

¹ Estas informações advêm da minha pesquisa de Mestrado intitulada *A estréia do amanuense Belmiro: a fortuna crítica de O amanuense Belmiro em 1937*, concluída em 2000, pela Universidade Estadual Paulista, UNESP/Assis.

² João Etienne Filho, em artigo publicado para *O Diário*, em 1945, declara que, embora *O amanuense Belmiro* tenha sido acusado de gratuito, ele “a seu modo, participa também da realidade do momento, do espaço, e vai dando o seu testemunho, lá a seu jeito”. O crítico defende uma leitura social para o livro de estréia de Cyro dos Anjos (ETIENNE FILHO, João. Ao lado do amanuense. *O Diário*, Belo Horizonte, 21 out. 1945).

E essa divisão da ficção brasileira em duas não passou despercebida pelos críticos em 1937, quando se debruçaram sobre *O amanuense*. A fratura, como não poderia deixar de ser, definiu duas linhas independentes: de um lado, romances que “se escravizaram ao empenho fotográfico da objetividade”; do outro, romances em que “o principal é o homem”, caso do romance de estréia de Cyro dos Anjos (Camillo, 1937).

Um outro fator que contribuiu para que Cyro dos Anjos fosse enquadrado como intimista foi a relação estabelecida entre sua prosa e a tradição mineira. Fundado numa peculiar visão do fato humano, o “mineirismo” seria, antes de mais nada, um mundo construído sobre a introspecção, daí raramente se valer do realismo objetivo, da descrição minuciosa de ambientes, das sugestões da natureza. Não por acaso, Marques Rebello (1937) e Ivan Ribeiro (1937) destacaram a importância do romance mineiro em devolver à Literatura Brasileira a noção de universalidade, afastando-se, por isso mesmo, do típico e do regional.

Essa tradição mineira não se limitaria, entretanto, a esse seu senso humano característico, mas também seria “responsável” pelo equilíbrio e pela contenção na linguagem, o que configura uma reação do Centro ou do Sul, segundo João Camillo, contra a “língua estropiada” dos romances do Norte.

Um último fator vai de encontro à nota dominante da recepção crítica de *O amanuense Belmiro* em 1937, que é a vinculação com Machado de Assis. Dos quarenta e oito artigos analisados, retirados de jornais e revistas, vinte e dois deles apresentaram o escritor mineiro como discípulo do autor de *Dom Casmurro*. As semelhanças vão dos aspectos formais aos de conteúdo: o título e tamanho dos capítulos; o estilo de frases curtas; certas expressões; a boa forma literária; o estilo simples e equilibrado; o hábito de pensar e responder; a maneira direta de narrar; o jeito irônico de dizer as coisas, mostrando seu lado dúbio e contraditório, num jogo de antinomias e dualidades; o mesmo *humour*, ceticismo e pessimismo. Além destes aspectos evidenciou-se a mesma propensão a abandonar a exterioridade para mergulhar no mundo interior; a primazia conferida ao espírito e não ao ambiente; o tratamento da psicologia das personagens.

Muito embora sejam três os fatores que favoreceram a classificação de intimista a Cyro dos Anjos, pode-se verificar que eles se confundem, já que confluem para o mesmo problema, cuja característica é, sobretudo, a introspecção de sua prosa.

Por conta, então, desse enquadramento, Cyro dos Anjos ficou por décadas relegado a essa visão unilateral, o que privou o autor e sua obra de serem analisados sob uma outra ordem de questionamentos³. Longe de tentar efetuar uma polarização em sentido contrário,

³ Pesquisas acadêmicas recentes traçam, entretanto, possíveis homologias entre *O amanuense Belmiro* e a realidade histórica brasileira: PÓVOA, D. M. V. *A consciência trágica: reflexões sobre o intelectual personagem*. 1983. Dissertação (Mestrado em Letras). Departamento de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1983; BILENKY, M. *A poética do desvio: a forma do diário em O amanuense Belmiro de Cyro dos Anjos*. 1992. 232f. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992; MILANESI, V. M. P. S. V. *Para uma interpretação de Cyro dos Anjos*. 1988. 161 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José d'Ório Preto, 1988; GIL, F. C. *O romance da urbanização*. 1997. 202 f. Tese (Doutorado em Letras). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade

o objetivo deste trabalho é apontar para o fato de que o escritor mineiro não era, absolutamente, alienado aos problemas do seu tempo. De igual modo, pretende-se mostrar que há em *O amanuense Belmiro*, como na literatura social característica da época, uma tendência para a “desheroização” do personagem literário, a partir da figuração do fracassado, “herói” por excelência do romance dos anos 30, segundo observara Mário de Andrade no ensaio “Elegia de Abril”.

No referido ensaio, o crítico confessa-se intrigado com o aparecimento de um novo herói, o fracassado, que sintomático de muitos romancistas, caracteriza-se por ser um “indivíduo desfibrado, incompetente para viver, e que não consegue opor elemento pessoal nenhum, nenhum traço de caráter, nenhum músculo como nenhum ideal contra a vida ambiente” (1943, p. 190). Entre os representantes desse “fracassado nacional”, Mário de Andrade incluiu indistintamente o Luís da Silva, de *Angústia*; Carlos, do ciclo da cana-de-açúcar; os “fracassados cultos” de romances de Cordeiro de Andrade, Cecílio Carneiro e Gilberto Amado; e “outro, caipira, do escritor Leão Machado, e um nordestino do povo, figura central do *Mundo Perdido*, de Fran Martins” (1943, p. 190). Estes fracassados diferem-se, porém, de outros fracassados como Dom Quixote, Otelo e Madame Bovary, assinala o autor. Ao contrário daqueles, estes são “seres dotados de ideais, de ambições enormes, de forças morais, intelectuais, físicas, representam tendências generosas ou subversivas”, enfim, seres capazes de se impor (1943, p. 190).

Embora excluído de figurar entre os fracassados da década de 30, Belmiro, o protagonista de *O amanuense Belmiro*, encaixa-se perfeitamente no modelo de herói/anti-herói proposto por Mário de Andrade. Anos mais tarde, Wilson Martins incluiria Belmiro na categoria desse “tipo moral”, que segundo ele é “fonte de toda uma numerosa progênie” (1967, p. 158).

A ausência de força, poder, vitalidade pode ser percebida na figura central do romance de Cyro dos Anjos quando, em auto-análise, constata a sua falência, ao definir-se como um “fruto chocho do ramo vigoroso dos Borbas” (Anjos: 1989, p. 10). Apresentando-se como uma versão degenerada de um “tronco” que teve o seu brilho rural, Belmiro se considera um “Borba errado”. Lamentando-se por ter gasto “as vitaminas do tronco em serenatas e pagodes” (Anjos: 1989, p. 10), ele se lamenta de ter abandonado a fazenda, que precisava de braços moços.

Rompendo, portanto, a continuidade do modelo familiar, o último dos Borbas reconhece-se, embora pertencente a uma árvore genealógica produtiva, distante do perfil do herdeiro desejado. Não possuindo a força, o poder de expansão, a vitalidade dos de sua raça, Belmiro fracassa frente ao ramo vigoroso dos Borbas. Nele, a estirpe encontra seu ponto final.

Estadual de Campinas, Campinas, 1997; CAMARGO, L. G. B. de. *Uma História do romance brasileiro de 30*. 2001. 944 f. Tese (Doutorado em Letras). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

O sentimento de fracasso ao invés de se transformar em ação, não produz outra coisa senão a paralisia e a esterilidade; nem sequer se transforma em revolta:

Há nas intermináveis chapadas do sertão, pequenas árvores que não dão frutos, nem sombra, nem possuem raízes medicinais. Ali estão, talvez, para compor a paisagem. Não estarei aqui somente para integrar o vasto painel humano ponto de luz ou sombra, molécula puramente pictórica, sem outro destino? (ANJOS, 1989, p. 168).

Afastado definitivamente do seu passado agrário e latifundiário, Belmiro é absorvido pela burocracia, fato que não poderia ser marcado por maior ambigüidade. O filho, herdeiro da derrocada patriarcal rural, é introduzido na atividade pública por meio da sinecura, graças à influência de seu pai junto a um deputado; o que, historicamente, põe a nu as práticas do favor que as suas origens de representante do mundo rural favoreceram-lhe apelar.

Se a influência do pai garantira-lhe um emprego, ele, entretanto, não dará a Belmiro uma vida de regalia; muito pelo contrário. Ser amanuense é ser um pequeno funcionário público, de quem não é exigido diploma universitário para o exercício da função. O trabalho desse membro do funcionalismo público diz respeito aos serviços de escritório e/ou atendimento ao público, e a sua remuneração está incluída nas referências salariais mais baixas (França, 1993). Por isso, não faltam exemplos da sua abertura financeira, como no capítulo 14, quando relata que a simples aquisição de umas botinas novas desequilibraram-lhe o orçamento do mês; ou então no capítulo 36, quando expõe o seu drama de estar reduzido a níqueis, embora esteja ainda no início do mês: “O ordenado se foi nessas despesas imprevistas [a doença de Francisquinha] e ainda há contas por pagar. É ridículo. Amanhã terei de visitar o agiota” (Anjos, 1989, p.78).

O conformismo é outra marca do perfil delineado por Mário de Andrade, e não poderia deixar de ser também o de Belmiro. A seção onde trabalha é alocado por funcionários, que contrários à sua vocação e preferências, ali se encontram completamente insatisfeitos. É o caso, por exemplo, de um velho que se assenta ao seu lado e tem trinta anos de serviço, mas cuja vocação era ser padre; ou então de Romualdo, que dava para a política; outros teriam feito carreira no exército, na alta administração ou nas letras, segundo relata o amanuense Belmiro. A sua vocação ele, entretanto, não confessa. Apenas se diz satisfeito com a promessa do Estado de propiciar-lhe uma aposentadoria condigna. É óbvio que Belmiro, assim com os outros, assina “o ponto com rebeldia na alma e desprezo pelas mãos” (Anjos, 1989, p. 29), mas a sua tendência para a amenização do grave inscreve esta situação pouco confortável em outra mais terna e acolhedora: “Mal posso, na verdade, conter um movimento de ternura, quando contemplo, ao pôr do sol, o edifício grave, acolhedor, de nossa Secretaria [...]” (Anjos: 1989, p. 29).

Uma outra estratégia utilizada para driblar a sua inércia e apatia se dá através do humor. Dentre os amigos da “roda de chope”, Jandira é a única representante do público

feminino. Desejável, a moça é assediada por muitos homens, dentre eles um membro da turma, Silviano. São muitos os comentários de Belmiro a respeito de Jandira, de quem es-cuta confidências. Não raras vezes, o amanuense destaca-lhe as formas, “umas carnes sau-dáveis” (Anjos: 1989, p. 61), o jeito provocante, a graça, o modo de vestir e falar. Não raro também é o ímpeto de passar-lhe a mão pelos cabelos, dar-lhe uns beijos. Mas o convite à desistência, gerado pela sua incapacidade de se impor, que por sua vez é gerado pelo seu complexo de inferioridade, leva o gesto a morrer no pensamento e os beijos se recolherem, como todos os outros que desejara vida afora, confessa melancolicamente Belmiro. Como todas as outras vezes, ao invés da ação, a inação. Para, então, romper a gravidade do relato o humor: “Tanto melhor para mim, esta manhã, porque não ficaria, de modo algum exclu-ída a hipótese de uma reação adversa, da parte de Jandira. Atirar-me-ia à cara o primeiro utensílio que encontrasse à mão ...” (Anjos: 1989, p. 60).

Dada a sua vida sem surpresa ou gestos marcantes, somada à sua condição de pouco favorecido e desprotegido, e, de par com ela, a vocação para o fracasso, a única forma de vida que lhe resta, é o mergulho no tempo, embebendo-se na recordação das coisas que passaram, mas que continuam a viver dentro dele.

Dividido entre o passado e o presente, Belmiro leva a passear longe o pensamento, por outras ruas e por outros tempos. Um comentário, uma expressão, uma música, qual-quer coisa, desencadeia de pronto no personagem, num processo rememorativo, a passa-gem para a infância. O episódio do cego tocador de sanfona é um exemplo de como é fácil Belmiro descolar-se do seu dia-a-dia e transformar a Rua dos Guajajaras, em Belo Horizon-te, na Ladeira da Conceição, em Vila Caraíbas, entregando-se às reminiscências. As lem-branças de Belmiro, com relação ao mundo rural de Vila Caraíbas, permanecem, sobretudo, na forma de evocação nostálgica e saudosista de um paraíso perdido.

Mas nesse esforço retrospectivo, em que o espírito espicha, num vai-e-vem contí-nuo, entre as solicitações do mundo cotidiano, e as impressões que a memória registrou no curso do tempo, o que perdura, afinal, na lembrança, são os arquétipos ideais de person-a-gens e fatos que passaram fugazes nas asas do tempo. Exemplo disso é a figura de Carmélia, que encarna a namoradilha de infância, já morta, Camila, e o mito infantil, a donzela Ara-bela.

A sua obsessão pelo tempo ido é tanta que até na sua ida para o Rio de Janeiro para ver o embarque de Carmélia e Jorge, em viagem de lua-de-mel, Belmiro se perde na con-templação do Rio de outrora, daquele que trazia imagens machadianas. Tanto num quanto noutro caso, ele busca no presente as linhas e cores de outros dias já mortos e longínquos. Inútil, entretanto. As imagens do passado já não encontram ressonância no presente; o mundo de fora impede a comunicação com o de dentro:

Andando sempre, e a pé (não aprendi, ainda, a usar convenientemente os ônibus), também fui dar comigo em regiões não machadianas. Os passos me levaram distraído, a certos quar-teirões movimentados, ribeirinhos do Mangue. Jamais me passara pela idéia uma visita a pa-

ragens tais, mas, como já ali me achasse, moveu-me a curiosidade de examinar os transeuntes e o local. Não fui muito adiante: encontrei militares de terra e mar algo tocados, que começaram a olhar-me de soslaio, e tratei de retirar-me com dignidade. Aliás, algumas damas de poucas ou nenhuma vestes me propunham em francês coisas não muito adequadas ao meu ofício e condição. Safei-me daquele mercado estranho com o peito deprimido. Ali nenhuma ilusão era possível. (Anjos: 1989, p. 163).

Conquanto longo, o trecho acima transcrito ajuda elucidar a figura descolorida deste amanuense. Refúgio para suas agonias e complicações do espírito, o passado funciona como um estratagema para fugir da vida. O passeio pelas “regiões não machadianas” é prova disso. Lançado a um mundo desconhecido, de quarteirões movimentados, inundados de militares e mulheres seminuas, Belmiro foge. E foge de um mundo que o faria viver. Mas ele não quer, prefere a sua casa na Rua Erê, onde subsistem sinais do seu mundo caraibano, o velho relógio de repetição, a irmã Emília, em cuja figura se manifesta a rispidez, a rudeza e a virilidade dos Borbas.

A viagem para o Rio de Janeiro ainda é simbólica por instigar ainda mais a sensibilidade de Belmiro e por apresentá-lo à existência de um mundo infinito. Diante da imensidão do mar, Belmiro entabula uma conversa. Ao ouvir mensagens inexprimíveis por palavras, ele recua. Consciente de que o mar é vário, e que a cada instante se recria, pois cada nova onda imprime-lhe formas distintas, cada vaga, traços novos de vida, Belmiro tem medo. O medo advém justamente da inconstância do mar; analogia com a vida que também se renova a cada momento.

Alistado nas hostes do funcionalismo público mais mal pago, vivendo à beira do naufrágio econômico que ameaça atirá-lo a todo instante ao agiota ou ao desamparo da sarjeta, Belmiro se contenta com a aposentadoria que há de vir e com o crepúsculo do fim de tarde. Muito embora se declarando apaixonado pela encarnação do passado, Carmélia, não move uma só palha para ao menos estabelecer um contato, uma conversa que seja. Assim, evadindo-se para o passado e resignando-se com a sua situação financeira e de solteiro, Belmiro vive sob um mundo completamente estável, sem riscos, diferentemente do mar, que assim como a vida, nunca se fixa, ao contrário, compõe-se da variedade e da mobilidade.

Em última instância é o temor que o leva ao fracasso. Fracasso, porém, que nada tem a ver com um ser que tentou e faliu. Este, ao contrário de Belmiro, não pode ser definido como um fracassado. Diferente daqueles que se impõem, que procuram conquistar suas pretensões e vencer na vida, mas que no embate contra forças maiores são dominados e fracassam, Belmiro fracassa sem mesmo tentar. Daí ser Belmiro uma amostra bem típica desse “fracassado nacional” da década de 30, desse indivíduo “desfibrado”, “sem força nenhuma”, definido por Mário de Andrade. (1943, p. 190).

Nesse sentido, *O amanuense Belmiro* engrossa as fileiras daquilo que Mário de Andrade, no artigo anteriormente citado, chama de “literatura dissolvente”, característica da década de 30. É óbvio que o romance de Cyro dos Anjos não se ajustou aos princípios mais

evidentes do romance social, como o enfoque documental sobre a vida dos humildes, o engajamento, a denúncia, contudo, harmonizou-se ao estado de espírito da ficção brasileira de 30, no qual se observa um inegável pendor para os temas de infelicidade e desânimo.

Nesse sentido é que o romance do escritor mineiro pode ser inserido naquilo que Machado de Assis, em seu “Instinto de Nacionalidade”, afirmava sobre o critério nacionalista. Segundo Machado, para que o escritor fosse reconhecido como brasileiro, não seria preciso que suas obras trouxessem as cores nacionais, pois não estaria, obrigatoriamente, na cultura indígena, nos muitos nomes de flores ou aves do país, o verdadeiro espírito nacional. Para ele, ao contrário, só se reconheceria o verdadeiro espírito nacional no escritor que tivesse aquele sentimento íntimo, capaz de torná-lo homem do seu país e de seu tempo, ainda quando tratasse de assuntos remotos do tempo e do espaço. Sob essa perspectiva é que Cyro dos Anjos apesar de não ter tematizado as classes oprimidas e desamparadas da sociedade, nem possuir o caráter participativo tão cobrado na época, pôs em destaque a monotonia e opressiva insignificância em que transcorre a existência do homem de qualquer tempo e de qualquer lugar.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Mário. Elegia de Abril, in: *Aspectos da Literatura Brasileira*. São Paulo: Martins Fontes, 1943. pp. 184-195.

ANJOS, Cyro dos. *O amanuense Belmiro*. 12 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

CAMILLO, João. O amanuense Belmiro de Cyro dos Anjos. *Voz do Norte*, Diamantina, 24 out. 1937.

FRANÇA, Bárbara Heliadora. *O Barnabé: consciência política do pequeno funcionário público*. São Paulo: Cortez Editora, 1993.

MARTINS, Wilson. O herói modernista, in: *A Literatura Brasileira. O Modernismo*. São Paulo: Cultrix, 1967. vol. VI, pp. 151-160.

PICCHIO, Luciana Stegagno. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

SILVEIRA, Tasso da. O amanuense Belmiro. *Folha de Minas*, Belo Horizonte, 14 jan. 1938.

REBELLO, Marques. Figuras Mineiras. *Jornal do Comércio*, Recife, 4 dez. 1937.

RIBEIRO, Ivan. O fenômeno mineiro e O amanuense Belmiro. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, n.º 03, dez. 1937.